

# Pessimismo em relação ao Brasil

Cristiano Romero  
De Washington

No simbólico aniversário dos 20 anos da crise da dívida externa, o Brasil está sendo visto, no exterior, como uma economia que pode, a qualquer momento, ir à bancarrota. Essa percepção não é generalizada, mas foi bastante discutida nos últimos quatro dias, durante a reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e em diversos eventos paralelos promovidos por bancos privados em Washington.

Nesses dias, as duas principais autoridades econômicas do país — o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Armínio Fraga — participaram de uma verdadeira maratona de encontros para tentar convencer analistas, banqueiros e autoridades de que o país não vai quebrar, mesmo que a oposição vença a eleição presidencial.

Em entrevista ontem à rede de TV americana ABC, o megainvestidor George Soros afirmou que se a oposição ganhar a eleição, o Brasil vai falir. "Temos um problema no Brasil. O país está perto de ter eleições. Será eleito um presidente que não é apreciado pelos mercados financeiros. As taxas de juros estão em 25%. Nesse ponto, o Brasil estará falido", disse Soros, referindo-se ao risco-país, que na sexta-feira chegou os 2.440 pontos básicos (24,40 pontos percentuais).

A afirmação de Soros é especialmente embarracosa, afinal, antes de ir para o BC, Armínio Fraga era um de seus operadores. Há alguns meses, Soros já havia causado celeuma ao afirmar que o mercado financeiro iria impor a eleição do candidato do governo, José Serra.

"Lá dentro, os estrangeiros estão dizendo que o Brasil vai entrar em 'default'", contou, ao sair de evento



Fraga: para o presidente do Banco Central, o Brasil tem o controle do seu futuro e não vai quebrar

promovido ontem pelo banco de investimento Merrill Lynch, um executivo brasileiro. "As únicas pessoas que disseram que isso não vai acontecer foram dois brasileiros: Eliana Cardoso (professora da Georgetown University) e Paulo Leme (diretor de pesquisa para mercados emergentes do banco Goldman Sachs)."

Na quinta-feira, durante reunião fechada com analistas do mercado financeiro promovida pelo Banco Mundial, o tom foi o mesmo. Em entrevista no sábado, o diretor do Departamento de Hemisfério Ocidental do FMI, Anoop Singh, reconheceu que a questão da sustentabilidade da dívida pública brasileira tem sido um tema recorrente. "Não posso nem mais tentar ler as no-

tícias no computador porque todo mundo está falando da dívida pública (do Brasil)", disse Singh, acrescentando que os mercados ficarão voláteis no até a eleição.

"Os mercados estão preocupados, a situação é muito frágil, com os C-Bonds abaixo de 50% (do valor de face) e o real a 3,87. É um cenário preocupante, que torna a dinâmica da dívida muito complicada", afirmou ontem o analista Túlio Vera, do Merrill Lynch, que na semana passada passou a recomendar a seus clientes que reduzam sua exposição em títulos do Brasil. "Não acho que os mercados tenham jogado a toalha. Não chegamos a esse ponto, mas acho que os mercados estão muito preocupados."

Na sexta-feira, Stanley Fischer, vice-presidente do Citibank e ex-vice-diretor do FMI, insinuou que o "default" é uma possibilidade real, caso o novo governo não dê segurança ao mercado quanto à política econômica que vai seguir. Ele explicou que, como a incerteza está durando muito tempo, já será necessário aumentar o esforço fiscal.

"O próximo governo terá que decidir que estratégia vai seguir, se é a de evitar um 'default', caso em que aquilo (o aumento do superávit primário) pode ser necessário", disse Fischer, o principal avalista de dois dos três acordos do Brasil com o Fundo nos últimos quatro anos.

Na avaliação das autoridades e de uma boa parcela dos analistas

brasileiros, o problema é que a maioria dos estrangeiros confunde a dinâmica da dívida interna com a da externa. "O Brasil é uma espécie de barata que voa. É muito difícil explicar aos gringos que um país subdesenvolvido tem um mercado de capitais interno para a sua própria dívida tão grande como o nosso", explicou, bem-humorado, o presidente da Anbid e economista-chefe do Banco BBA, Edmar Bacha.

"É ignorância. Eles olham para Rússia, Argentina e México, que são países em que a distinção entre dívida interna e externa era irrelevante porque toda a dívida era em dólar ou estava nas mãos de estrangeiros", disse Bacha. Para Sérgio Werlang, diretor do Banco Itaú que também participou dos seminários, os estrangeiros ainda estão "traumatizados" com o que aconteceu na Argentina.

Durante palestra sábado no IIF (Institute for International Finance) e ontem num evento promovido pela Febraban, Fraga refutou todas as desconfianças. Fez o mesmo nas entrevistas que concedeu. "Não há ninguém sério que ache que o Brasil está a caminho de uma moratória", afirmou, ressaltando que caberá ao presidente eleito reverter o que ele considera apenas "uma crise de confiança".

"O Brasil tem controle do seu futuro. Está nas nossas mãos", afirmou o presidente do BC. "A mensagem que dou ao mercado é: não apostem que o Brasil vai se atirar pela janela. O Brasil entende os seus problemas, conhece o seu potencial e não vai repetir erros do passado. Tem um caminho que é bom, tem apoio do FMI e é esse caminho que vai seguir. O Brasil não vai quebrar. Se quebra se quiser. E nós não queremos quebrar."